

Jovens Faxinalenses no estado do Paraná: a produção das territorialidades em situação de fronteira

Willian Simões

Doutor em Geografia pelo programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná. Professor na área de Ensino de Geografia, da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus de Chapecó-SC. Membro do Coletivo de Estudos sobre Conflitos pelo Território e pela Terra.

e-mail: willian.simoes@uffs.edu.br

Jorge Ramón Montenegro Gómez

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Presidente Prudente. Professor no Departamento de Geografia, nos cursos de graduação e pós-graduação, da Universidade Federal do Paraná. Coordena o Coletivo de Estudos sobre Conflitos pelo Território e pela Terra.

e-mail: jorgemon00@hotmail.com

Resumo

O presente texto é resultado de nossa trajetória investigativa realizada junto a jovens que vivem em comunidades tradicionais de faxinais no estado do Paraná, entre os anos de 2011 e 2013, que resultou em tese de doutorado. Ancorados nos pressupostos da pesquisa participante, trabalhamos com cerca de 69 jovens oriundos de diferentes comunidades faxinalenses. A partir de trabalhos de campo e de atividades de pesquisa desde uma perspectiva dialógica, passamos a evidenciar que estes jovens vêm constituindo suas territorialidades entre: 1 – territorialidades específicas de seu modo de vida; 2 – territorialidades distintas, como resultado das relações campo-cidade, família-comunidade-mundo etc.; 3 – a produção de invisibilidades provocada no seio das relações geracionais dentro dos próprios faxinais, assim como pelo Estado, que desconhece ou reconhece de forma precária e/ou marginal o modo de vida faxinalense; 4 – a precarização de suas vidas no território, provocadas pela ausência ou atendimento marginalizado de políticas públicas. Objetiva-se aqui, considerando estas evidências, apresentar um conjunto de reflexões que sustenta a compreensão de que essa juventude vem produzindo suas territorialidades em situação de fronteira.

Palavras-chave: Juventude faxinalense; territorialidades; situação de fronteira; invisibilidade, precarização da vida.

Young *Faxinalenses* in the state of Parana: the production of territoriality in border situation

Abstract

This text comes from our investigative trajectory carried out with young people living in traditional communities “faxinais” in the state of Parana , between the years 2011 and 2013, which resulted in a doctoral thesis. Anchored in the participatory research assumptions, we work with about 69 young people from different communities “faxinalenses”. Anchored in field work and research activities from a dialogical perspective, we now show that these young people come constituting its territoriality between: 1 - specific territoriality of their way of life; 2 - distinct territoriality as a result of rural-urban relationships, family-community-world etc .; 3 - the production of invisibility caused by the generational relationships inside their own “faxinais”, as well as by the state, that knows or recognizes the precarious and / or marginally

“faxinalense” way of life form; 4 - the precariousness of their lives in the territory, caused by marginalized absence or attendance policies. The purpose is here, considering this evidence, present a set of reflections that supports the understanding that this youth has been producing its territoriality in border situation.

Keywords: “Faxinalense” youth, territoriality, border situation, invisibility, precarious territory.

Jóvenes Faxinalenses en el estado del Paraná: la producción de territorialidades en situación de frontera

Resumen

Este trabajo es el resultado de nuestra trayectoria de investigación hecha con jóvenes que viven en las comunidades tradicionales de faxinais en el estado de Paraná, entre los años 2011 y 2013, lo que resultó en una tesis doctoral. Anclado en una investigación participativa, trabajamos con unos 69 jóvenes de diferentes comunidades faxinalenses. A partir de trabajos de campo y actividades de investigación desde una perspectiva dialógica, vemos que estos jóvenes constituyen su territorialidad entre: 1 – territorialidades específicas de su forma de vida; 2 – territorialidades distintas como resultado de las relaciones urbano-rurales, familia-comunidad-mundo etc.; 3 – la producción de invisibilidad provocada dentro de las relaciones generacionales en los faxinais, así como por el Estado, que no conoce o reconoce la precariedad y/o la marginalidad de su forma de vida; 4 – la precariedad de sus vidas en el territorio, causados por la ausencia o la poca asistencia de las políticas públicas. El propósito es, teniendo en cuenta estas evidencias, presentar un conjunto de reflexiones que sustentan el entendimiento de que este joven produce su territorialidad en situación fronteriza.

Palabras-clave: Jóvenes faxinalenses; territorialidade; situación fronteriza; invisibilidad, territorio precario.

Introdução

O presente texto é resultado de um estudo sobre a relação juventude e território, tendo jovens faxinalenses como sujeitos da pesquisa. São jovens que convivem com territorialidades específicas que marcam os territórios faxinalenses típicos do espaço rural paranaense na atualidade, como veremos neste texto. Mas, ao longo de nossa investigação constatamos que eles também convivem com territorialidades distintas como resultado da inter-relação campo-cidade, família-comunidade-mundo, entre outros, com conflitos internos e com diferentes antagonistas externos, em meio a produção de sua invisibilidade e um permanente processo de precarização de suas vidas no território, provocado, sobretudo, pela ausência ou atendimento precário das políticas públicas.

As comunidades faxinalenses em que vivem estes jovens, fazem parte de uma organização coletiva denominada de Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses (APF). São comunidades marcadas por um conjunto de territorialidades específicas etnicamente diferenciadas, mas também por conflitos territoriais (VANDRESEN, BUTTI E SOUZA, 2014) e práticas de resistência cotidiana (SCOTT, 2002).

O convívio e o acompanhamento da emergência de representações coletivas dos povos e comunidades tradicionais no Paraná nestes últimos 10 anos, que além dos faxinalenses que aqui trataremos, reúne quilombolas, pescadores artesanais, ilhéus e ribeirinhos do litoral e do interior, cipozeiros/as, indígenas, entre outros, tem nos permitido vivenciar ações coletivas de reivindicação frente ao Estado, as angústias que marcam este contexto e que resultam dos entraves que estes povos têm enfrentado na luta pelo cumprimento de seus direitos, das múltiplas práticas de preconceito e desconhecimento acerca de suas tradições, dos impactos destrutivos do agronegócio, entre outros.

Antes de adentrarmos melhor a este contexto e aprofundarmos as reflexões a respeito do tema proposto para este artigo, destacamos que, nesta introdução, procuramos trazer uma síntese de nossos pressupostos teórico-metodológicos e que sustentam o caminho trilhado para apreensão da realidade vivida por jovens faxinalenses. Queremos ressaltar que a presente pesquisa procurou respeitar ao máximo que essa apreensão resultasse do acompanhamento de ações realizadas pelos faxinalenses, tais como seus momentos de luta, de educação/formação, de festas comunitárias, rodas de chimarrão, entre outras. É desde essa convivência que nos colocamos em um permanente movimento de ensino-aprendizagem sobre o modo de vida dos/nos faxinais, sobre seus territórios e territorialidades.

Inspirados em Fals Borda (1986), três questões estiveram sempre presentes: “Qual é o tipo de conhecimento que queremos e precisamos? A que se destina o conhecimento científico e quem se beneficiará? Qual lugar ocuparão os sujeitos da pesquisa no processo de apreensão da realidade e da elaboração teórica?” Objetiva-se, com isso, também potencializar o debate a respeito da realização de pesquisas qualitativas junto a comunidades tradicionais que habitam o espaço rural e que sempre estiveram presente no contexto conflituoso da questão agrária brasileira.

Trabalhamos com 69 jovens oriundos de pelo menos 16 comunidades faxinalenses distintas. Trilhamos um caminho teórico-metodológico ancorado nos pressupostos da pesquisa participante, considerando como elementos fundamentais de nossa postura investigativa: o trabalho de campo, uma relação dialógica com os sujeitos envolvidos no percurso investigativo e a noção de paradigma endógeno, alternativo e aberto, sobretudo para defender as possibilidades de elaboração do conhecimento científico de modo popular e contextualizado.

Nesse sentido, destacamos a importância do trabalho de campo, necessário para a inserção na realidade, o contato com a geografia local, o diálogo com os sujeitos da pesquisa com vistas ao compartilhamento de problemas, desafios e perspectivas (CARVALHO e SOUZA, 2009). Entendemos que o trabalho de campo é o laboratório do geógrafo por excelência, alvo de problematizações, ponto de partida da elaboração teórica

(THOMAZ JÚNIOR, 2005). Defendemos uma perspectiva dialógica de investigação que também possa resultar em ação educativa de mão dupla, como resultado de uma relação mais respeitosa possível em que todos os envolvidos na pesquisa compartilham seus conhecimentos a partir da realidade problematizada (FREIRE, 1967; 1987; 2007). Foi por meio do diálogo e a partir da realidade problematizada que apreendemos, junto aos jovens faxinalenses com os quais trabalhamos, um conjunto de verbetes e expressões que falam da vida faxinalense e como a juventude se relaciona com seu território.

Conjuntamente com a perspectiva dialógica defendida, coube compreender que os faxinalenses são produtores de conhecimentos e práticas, e ao longo de suas trajetórias desenvolveram suas formas de viver e agir no e com o mundo. Neste ponto, recorreremos à noção de paradigma endógeno, alternativo e aberto proposta por Mora-Osejo e Fals Borda (2006) que, para eles, se constitui como a possibilidade de produzir ciência de forma popular e contextualizada. Essa perspectiva, segundo estes pensadores, se constrói como uma crítica à pura e simples “repetição ou cópia de paradigmas eurocêntricos”, de que somente o conhecimento produzido na Europa Ocidental e depois transferido à América “tanto na sua modalidade básica como aplicada” é capaz de contribuir para “explicar as realidades em qualquer lugar do mundo” (MORA-OSEJO e FALS BORDA, 2006, p. 712-718). Para estes:

[...] a simples repetição ou cópia de paradigmas eurocêntricos deve parar, se entendemos por cultura a interação da sociedade com o meio social e natural que a sustenta. Temos que potenciar essa interação com o conhecimento de nossa trajetória, das nossas realidades geográficas, dos nossos recursos, de tal modo que daí resultem valores partilhados, geradores de solidariedade e fortalecedores da nossa identidade cultural (MORA-OSEJO e FALS BORDA, 2006, p. 718).

Desta forma, reforçamos que o conhecimento produzido e explicitado neste texto procurou se constituir como resultado de uma soma de saberes, o contato com a vida real de faxinalenses, a geografia local. Trata-se de produzir conhecimento a partir dos territórios de vida, contextualizado, que advém, também, do respeito à coexistência de múltiplos sujeitos, seus conhecimentos e práticas produzidos ao longo de suas trajetórias. Nesta perspectiva, corroboramos com Mora-Osejo e Fals Borda (2006, p. 715) que:

[...] do ponto de vista do cientista, o conhecimento das realidades locais torna-se tanto mais rico e útil quanto mais se relaciona com a compreensão e a autoridade da vivência pessoal. Autoridade científica e intuição que provêm do contato com a vida real, as circunstâncias, o meio e a geografia.

É a partir destas premissas que realizamos entre 2011 e 2013 quatro oficinas pedagógicas que potencializaram nossos diálogos com jovens e contribuíram para a apreensão da realidade. As oficinas realizadas eram compostas por um conjunto de atividades visando o trabalho tanto em pequenos como em grandes grupos, priorizando

discussões e sistematizações elaboradas pelos próprios jovens. Entre as questões que orientaram o debate nestas oficinas, podemos destacar: O que é ser jovem na contemporaneidade? O que é ser jovem em uma comunidade faxinalense? O que o faxinal representa para os jovens? Quais as condições de vida da juventude nos faxinais? Em que medida a juventude interfere nos processos de produção e transformação de seus territórios de vida? É importante ressaltar que foi a partir dos debates realizados junto aos jovens, tendo como referências estas questões problematizadoras é que construímos o que denominamos de “retratos do território de vida de jovens faxinalenses”, como veremos na segunda seção deste artigo.

Compartilhamos a seguir um quadro com as sínteses das atividades desenvolvidas nas oficinas pedagógicas realizadas:

Quadro 01 – Atividades desenvolvidas durante as oficinas realizadas com jovens dos Faxinais, 2011-2013

ATIVIDADES	COMENTÁRIOS/OBJETIVOS
Apresentação dos participantes da oficina	A atividade de apresentação ocorria em dois momentos: um, em que os participantes da oficina pronunciam seu nome e comunidade a que pertencem; outro no qual elencam termos que explicitam os fatores que “os unem” enquanto jovens que moram nos faxinais e fatores que “faltam para que essa união ocorra”.
Trabalhos em grupos	Os trabalhos em grupos eram realizados para que o jovem, após o debate coletivo, pudesse completar com suas palavras, em folhas de papel, as seguintes expressões: a) Ser Jovem é...; b) Ser Jovem no faxinal é...; c) O faxinal para o Jovem é...; d) O que tem para os jovens no Faxinal e o que está faltando?; e) Para vocês, o futuro do jovem será... f) Que demandas podem ser pautadas pensando em Políticas Públicas?
	Os jovens eram divididos em dois grandes grupos. O Grupo 1 tinha por finalidade formular um conjunto de argumentos que convencesse os jovens a saírem do faxinal; e o Grupo 2 um conjunto de argumentos que defendesse a permanência dos jovens nos faxinais.
A mística dos sonhos	Atividade realizada para finalizar os trabalhos das oficinas. Perguntava-se aos jovens: Quais os sonhos dos jovens que moram nos faxinais? Cada jovem respondia a pergunta, sistematizando suas respostas em um pedaço de papel cartolina. Após, era feito um círculo onde eram lidos os sonhos e, após, cada um deles era depositado no centro para que pudéssemos visualizá-los.

Fonte: Relatórios de Campo, 2011/2012.

Org.: Autor, 2013.

O diálogo com jovens faxinalenses, sobretudo a partir destas oficinas, nos

oportunizou compartilhar diferentes questões que marcam a vida de jovens nos faxinais, tais como: o que é ser jovem hoje em uma comunidade faxinalense; a convivência entre a educação e o trabalho; a dúvida dos jovens entre permanecer ou migrar do faxinal; entre o que gostam ou não nos faxinais; quais atividades costumam desempenhar; as ausências de políticas públicas e a necessidade de melhoria das condições de vida. O conjunto de informações geradas a partir das oficinas e suas atividades foram sistematizados na forma de Relatórios de Campo, que se tornaram referências em todo o processo de reflexão e de sustentação da tese, por sua vez, deste texto.

Não nos preocupamos em titular essa perspectiva de apreensão da realidade como sendo um tipo de pesquisa com grupo focal, ou ainda como um grupo de discussão, porém, com o intuito de fortalecer nossa perspectiva de postura investigativa, levamos em consideração um conjunto de orientações de ambas as propostas, tanto no que diz respeito às suas potencialidades, quanto em seus limites.

Da perspectiva de trabalho com grupos focais, por exemplo, consideramos que o “grupo de participantes” das oficinas seria composto por jovens a partir dos 14 anos de idade, sem idade limite para se sentir ou se autodefinir jovem, e que vivem em comunidades faxinalenses ligadas à APF, não sendo delineado nenhum outro recorte, como de classe ou gênero. Essa se constituiu como sendo, desde nosso ponto de vista, a característica chave que os qualificaram para a discussão, “foco do trabalho interativo e da coleta do material discursivo/expressivo” (GATTI, 2005), uma vez que já expressava dois fatores importantes para o desenvolvimento da pesquisa: geração e etnia.

Além disso, outras características que lembram o trabalho com grupos focais se fizeram presentes, tais como: a) a preocupação em mediar o diálogo e os debates, mas sem fechar as questões ou inferir sínteses; b) não detalhar os objetivos da pesquisa, para que os jovens não viessem para as oficinas “com ideias pré-formadas ou com sua participação preparada”; c) a realização de atividades que permitissem a interação, o face a face; d) a aplicação de um questionário com vistas à suplementação de informações (GATTI, 2005 p. 07-27).

Essa proposta teórico-metodológica sugere que os grupos não sejam formados por mais de 12 integrantes. Não nos preocupamos com a quantidade de jovens nos grupos, mas sim que pudéssemos ter em um grupo de trabalho representantes de diferentes comunidades. Nessa definição das quantidades, levamos em consideração o acúmulo de debate acerca do método de trabalho com grupos de discussão desenhados por Weller (2006), que nos indicou, por exemplo, que os grupos de discussão ajudam a documentar experiências coletivas. Desta forma, muito embora tenhamos o entendimento de que nossas constatações possam variar na escala da individualidade, consideramos que o vocabulário elaborado pelos jovens nos ajuda a reconstruir aspectos políticos, econômicos, culturais e

socioambientais dos territórios de vida em que estão inseridos.

Em relação à proposta metodológica de trabalho com grupos de discussão, ainda levamos em consideração: a) que estando entre pessoas de um mesmo contexto social, os jovens estariam mais a vontade para utilizar suas próprias expressões, vocabulários; b) que estando entre os membros do próprio grupo, os jovens possuem maior dificuldade em manter um diálogo com base em histórias inventadas; c) a possibilidade de uma interpretação refletida, na qual o pesquisador também realiza suas interpretações, podendo recorrer a outros conhecimentos – teóricos e empíricos (WELLER, 2006, p. 250-252).

Mas, consideramos também os limites dessa perspectiva de trabalho, a exemplo do menor controle sobre as informações que emergem no diálogo e nos debates e o fato de que os jovens se expressam em um contexto específico, como resultado da interação com um determinado público preestabelecido e que por isso é preciso considerar que “os pontos de vista de cada um deles não podem ser tomados como posições definitivas” (GATTI, 2005, p. 68). Entre os limites, destacamos as possíveis interferências do pesquisador, principalmente quando levamos em consideração a perspectiva de pesquisa participante que permeia esta proposta de investigação, tendo entre seus objetivos que o processo investigativo também seja formativo.

No entanto, entendemos que as preocupações expressas, os cuidados tomados para a coleta e a sistematização dos verbetes e expressões elaboradas pelos jovens, o confronto entre as informações coletadas e sistematizadas e as análises e interpretações, assim como seu potencial neste processo de elaboração de um aporte teórico conceitual que contribua para ampliar nossa capacidade de interpretação da realidade, são o que fortalece a consistência das informações apreendidas no diálogo com os jovens (GATTI, 2005, p. 71).

Dito isso, o foco das reflexões neste texto se dará em torno da compreensão de que estes jovens constituem suas territorialidades em situação de fronteira. Trataremos aqui de fronteira não como limite, uma linha rígida que separa dois mundos distintos, mas como lugar de interpenetrações em que coexistem movimentos de colaboração, negociações e contestações (HISSA, 2002; BHABHA, 1998). É a partir desta perspectiva que defendemos que a juventude constitui suas territorialidades, estabelecendo ao mesmo tempo conexões e desconexões com territorialidades específicas do território faxinalense, relações com territorialidades distintas, em meio a produção de sua invisibilidade e a precarização de seus territórios de vida.

Para essa discussão, iniciamos com algumas considerações a respeito do modo de vida dos/nos faxinais, procurando destacar características do cenário geo-histórico em que a pesquisa se realizou. Destacaremos elementos que podem ser compreendidos como sendo parte das territorialidades específicas etnicamente diferenciadas dos faxinalenses, assim

como aspectos que marcam o contexto social em que estas comunidades disputam visibilidade e lutam pela garantia de seus direitos.

Após, argumentamos acerca da compreensão de juventude faxinalense enquanto categoria social, como resultado de um diálogo interdisciplinar. Nessa perspectiva, defendemos que a constituição da categoria jovem é perpassada por múltiplas dimensões: econômica, política, cultural, étnica, territorial, entre outras. Defendemos que é compreendendo a juventude faxinalense enquanto categoria social que conseguiremos enxergá-los como sujeitos que interferem nos processos de des-re-territorialização de/em seu território de vida. Por fim, apresentaremos sínteses de nossas reflexões que procuram sustentar a compreensão de fronteira e de produção das territorialidades em situação de fronteira.

Sobre os Povos e Comunidades Tradicionais de Faxinais no Estado do Paraná

Nesta última década, como resultado do avanço de agroestratégias e processos de desterritorialização conduzidos pelo Estado e por representações do capital privado no espaço rural brasileiro, temos evidenciado a emergência de mobilizações realizadas pelos que estão sendo chamados de Povos e Comunidades Tradicionais (ALMEIDA; 2006; 2009), a exemplo de quilombolas, seringueiros, ilhéus e ribeirinhos do litoral e do interior, pescadores/as artesanais, quebradeiras de coco babaçu, em particular para este texto as comunidades tradicionais de faxinais. Estes povos, cujas existências vieram sendo historicamente invisibilizadas, negadas e marginalizadas, organizados e atuando na forma de movimentos sociais, trazem no bojo de suas reivindicações a necessidade de reconhecimento de sua diversidade territorial, suas geo-grafias (PORTO-GONÇALVES, 2001), tanto por parte da sociedade de forma geral quanto pelo Estado na gestão de suas políticas públicas.

Neste estudo, compreendemos por movimentos sociais todas “as ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas” (GOHN, 2011). Corroboramos com Scherer-Warren (1996, p. 69) que “é o reconhecimento coletivo de um direito que leva à formação de uma identidade social e política”. Nessa perspectiva, para a referida autora, o mútuo reconhecimento “como pertencendo à mesma situação de carência e como portador do mesmo direito”, a sociabilidade política e a construção de um projeto coletivo de transformação das realidades de opressão são requisitos fundamentais para a formação de um movimento social.

A ação dos movimentos sociais na América Latina nas duas últimas décadas vem provocando outras leituras possíveis, menos atreladas às teorias europeias, sobre o que

caracterizam esses movimentos sociais com características semelhantes ao longo do subcontinente. Cruz (2013, p. 126-129) recorre a Zibechi (2005) e Santos (2010) para oferecer um retrato coral: pluralidade de sujeitos coletivos protagonistas; novas formas de conceber a emancipação social através da politização da cultura e da revalorização das memórias e das tradições comunitárias; construção de uma ideia de cidadania e justiça que valorize a igualdade e as diferenças, a redistribuição e o reconhecimento; autonomia política e econômico-produtiva; desmercantilização das relações sociais colocando o território como estratégia fundamental de afirmação de direitos e da autonomia; capacidade de formar os próprios intelectuais, democratizando os saberes e conhecimentos.

Mas é preciso deixar claro, desde o início, que quando falamos em movimentos sociais estamos nos referindo a diferentes grupos que historicamente no Brasil se colocaram em contraposição às forças opressoras das oligarquias agrárias, sendo estas protagonistas de diferentes formas de agir em diversos espaços públicos e privados, contribuindo para materializar e fortalecer os interesses capitalistas, travestidos de ordem e progresso, desenvolvimento, aceleração do crescimento, entre outros jargões.

A intensificação de mobilizações de movimentos sociais dos chamados povos e comunidades tradicionais nestes últimos anos levaram à criação, por parte do governo federal, em 2004, da Comissão de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais, que resultou na elaboração e na publicação do Decreto n. 6.040/2007 que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT). Na visão da ministra do Meio Ambiente daquele período – Marina Osmarina Silva – o referido decreto retirava da invisibilidade “uma diversidade social e cultural que se expressa pela multiplicidade de comportamentos, institucionalidades sociais, línguas, etnias, saberes e modos de vida” existentes no país e, ainda, estabelecia “diretrizes e objetivos que permitem às políticas universais se adequarem para atender às demandas e características singulares deste público” (SILVA, 2007, p. 7-9). O anúncio do referido decreto fez parecer que o Estado passava a assumir mais explicitamente as suas diversidades internas, “a coexistência de sua heterogeneidade espacial” (MASSEY, 2008), assim como reconhecer a importância que estes povos possuem para a preservação de elementos da natureza essenciais à vida.

No entanto, o convívio nestes últimos anos em diferentes espaços com representantes de comunidades quilombolas, indígenas, ilhéus e ribeirinhos, pescadores artesanais, benzedeiros e faxinalenses no estado do Paraná e o estudo de diferentes literaturas têm nos permitido vivenciar situações de permanente conflito frente à inoperância ou morosidade do Estado em compreender as especificidades territoriais destes povos e comunidades tradicionais e atender suas demandas, como idealizado no decreto supramencionado. Constatam-se marcas desta inoperância, por exemplo: na falta de

peçoal para trabalhar no atendimento das demandas apresentadas; na verticalizada e contraditória fixação de determinados critérios para o acesso às políticas e programas de governo que, sustentados por um aporte teórico-jurídico, não dão conta de contemplar as territorialidades específicas destes povos e comunidades; ou na paralisação real dos processos de reconhecimento dos territórios dessas comunidades salvaguardando-os da voracidade das frentes extrativas (agronegócio, mineração, grandes obras, etc.).

Soma-se a isso o conjunto de medidas tomadas pelos agroestrategistas (ALMEIDA, 2010) e suas ações junto ao poder público para modificar e/ou flexibilizar legislações (a exemplo do Código Florestal Brasileiro), para legalizar impactos ambientais e a mercantilização da natureza, para remover os obstáculos que impedem o avanço do agronegócio, para garantir recursos financeiros por meio de financiamentos ou isenções de impostos, para potencializar a materialização de projetos (rodovias, ferrovias, pequenas e grandes centrais hidrelétricas, entre outros) visando o que vem sendo denominado de aceleração do crescimento (MOREIRA, 2007; ALMEIDA, 2010; SAUER, 2011).

É neste contexto conflituoso que emergem os faxinalenses coletivamente organizados e que procuram dar visibilidade a diferentes situações de conflito, seja contra o Estado – a falta ou impactos negativos de políticas públicas que não levam em consideração o modo de vida nos faxinais – contra o agronegócio – que vem avançando sobre o território faxinalense – ou ainda contra a sua invisibilidade étnica frente à sociedade em geral – que muitas vezes ignora ou interpreta as manifestações típicas do modo de vida faxinalense como sendo atrasada (FAXINAIS, 2005; PNCS, 2007). Desde 2005, temos observado que faxinalenses vêm se organizando e fortalecendo sua representação coletiva através da Articulação Puxirão dos Povos de Faxinais (APF).

Se sua visibilidade política chega em 2005, pode-se dizer que há um campo intelectual que marca a produção de conhecimentos sobre os faxinais desde os anos de 1980 (CARVALHO, 1984; CHANG, 1985; NERONE, 2000; SAHR E CUNHA, 2005; SAHR e LÖWEN SAHR, 2009; TAVARES, 2008; SOUZA, 2010; HAURESKO, 2012, OLESKO, 2013) e que, a partir de diferentes interesses, ressalta aspectos políticos, econômicos, culturais e socioambientais que constituem esse modo de vida. Podemos afirmar que estes permitiram desencadear amplos debates, resultando em trabalhos que vêm contribuindo para dar maior visibilidade às suas territorialidades e reforçar estratégias de resistência destas comunidades no estado do Paraná.

No entanto, resulta interessante escutar os próprios protagonistas refletir sobre sua própria auto-identidade. Os faxinalenses, quando indagados a responder o que é um Faxinal e o que é ser faxinalense, constroem diferentes narrativas permeadas por distintos elementos que nos impedem de estabelecer um esquema geral de definição, no entanto, a centralidade na família e a vida comunitária, a existência de conhecimentos tradicionais a

respeito do trabalho com a terra, a criação de animais à solta e de forma coletiva, o respeito nas relações com a natureza, a presença de ofícios tradicionais ligados ao tratamento da saúde (práticas de benzimento, parto, uso de ervas medicinais, entre outros) são alguns dos elementos recorrentes em suas respostas (PNCS, 2007; 2008; 2011).

Em Simões (2009) evidenciamos que comunidades faxinalenses são encontradas, principalmente em municípios e áreas cobertas pelo Bioma da Mata com Araucária, com destaque para municípios ao sul da Região Metropolitana de Curitiba e porção Centro-Sul do Estado. Segundo o trabalho desenvolvido, “pode-se dizer que uma das manifestações marcantes do modo de vida faxinalense está no uso coletivo da terra para habitação e criação de animais, que ocorre de forma peculiar no chamado Criadouro Comum” (Autor, 2009, p. 38). Destacamos que é no criadouro comum que algumas territorialidades se destacam, tais como “o cotidiano, as rodas de conversa chimarrão, a divisão do trabalho, a forma de construção das casas, as festas religiosas e pagãs” (SAHR; CUNHA, 2005, p. 95). Destaca-se que:

Há terras utilizadas exclusivamente para a prática agrícola, na maioria das vezes para o cultivo de alimentos, a exemplo do plantio de milho, mandioca, batata, arroz, entre outros, base alimentar de muitas comunidades. Em algumas realidades, entretanto, frente a mudanças técnicas e científicas, seguidas da desvalorização das práticas tradicionais da agricultura, aparecem territorialidades do agronegócio, com destaque para a produção do fumo (SIMÕES, 2009, p. 39).

Pode-se compreender que muitos destes elementos constituem as territorialidades específicas etnicamente diferenciadas do território faxinalense, como resultado das relações que estes mantêm uns com outros ao longo de suas histórias, na vida em comunidade e com sua natureza externa e que são importantes para sobreviverem e se reproduzirem socialmente (SAQUET, 2013), como “resultantes de diferentes processos sociais de territorialização e como delimitando dinamicamente terras de pertencimento coletivo que convergem para um território” (ALMEIDA, 2006). Corroboramos, desta forma, com a compreensão de que:

A territorialidade corresponde ao poder exercido e extrapola as relações políticas envolvendo as relações econômicas e culturais, indivíduos e grupos, redes e lugares de controle, mesmo que seja temporário, do e no espaço geográfico com suas edificações e relações. A territorialidade efetiva-se em todas as nossas relações cotidianas, ou melhor, ela corresponde às nossas relações sociais cotidianas em tramas, no trabalho, na família, na rua praça, na igreja, no trem, na rodoviária, enfim, na cidade-urbano, no rural-agrário e nas relações urbano-rurais de maneira múltipla e híbrida (SAQUET, 2009, p. 90).

Nos anos de 1980, dadas as transformações economicamente conservadoras e sustentadas pelos interesses capitalistas no campo paranaense, que por sua vez acabaram

por atingir negativamente as áreas de criadouro comum de comunidades faxinalenses, o trabalho realizado por Chang (1985) sinalizava que esse modo de vida deixaria de existir no máximo entre 10 ou 12 anos. A narrativa do fim dos faxinais passou a se sustentar a partir do nível avançado e violento de desagregação do criadouro comum, muitos deles já “cercados”. Em 1994, a EMATER-PR publicava um relatório apontando a existência de 118 comunidades faxinalenses, localizadas em 25 municípios. Em 2004, o Instituto Ambiental do Paraná (IAP) indicava, a partir de um trabalho realizado em 13 faxinais e 08 municípios, considerando visita em 36 famílias e 7 agentes de organizações da sociedade civil (ONGs, sindicatos, associações etc.), a existência de apenas 44 comunidades faxinalenses. Em 2007, a APF, em articulação com pesquisadores da Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, demandou o que ficou denominado de mapeamento social dos faxinais, que a partir de outros/novos critérios chegou a existência de, pelo menos, 227 comunidades.

O trabalho de Souza (2009), onde encontramos referência a este mapeamento social dos faxinais no Paraná, explicita que o território faxinalense se apresenta na atualidade de forma diversa, estabelecendo uma crítica às tendências que reduziram a noção do território de vida dos faxinais à existência de um “criador comum cercado” para habitação e criação dos animais à solta, ou ainda, como importante espaço de reserva biológica da Floresta de Araucária, com fauna, flora, fontes de água preservadas etc.

Para Souza (2009), torna-se necessário considerar outras formas de configuração territorial, que acabam por expressar a situação do território faxinalense na atualidade, não podendo ser estas configurações compreendidas “como estágios ou fases que tendem a extinção, pelo anacronismo ou apelo a uma tradição do passado”, mas sim “formas de resistência e solidariedade empregada pelo grupo em torno da defesa da modalidade de uso comum” (SOUZA, 2009, p. 49).

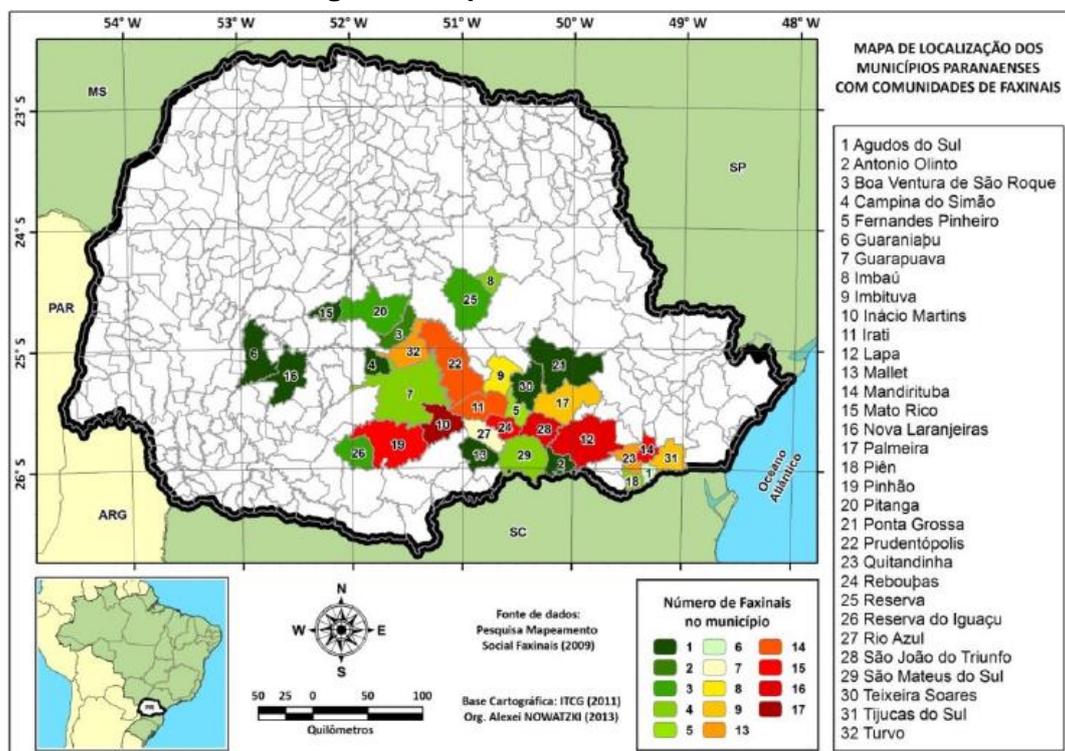
O referido autor expõe a existência de, pelo menos, quatro categorias situacionais:

- 1) Faxinais com uso comum, com o criador comum aberto – trata-se de “grandes extensões territoriais (acima de 1.000ha) livremente acessados por “criações altas e baixas” para uso comum das pastagens naturais e recursos hídricos”;
- 2) Faxinais com uso comum, mas com o criador comum cercado;
- 3) Faxinais com uso comum, mas que são marcados pela “criação grossa ou alta”, neste caso, há “uma forte limitação ao livre acesso aos recursos essenciais”, “a forte presença de sistemas de integração agroindustrial, como fumiicultura, granjas de suínos e aves”;
- 4) Faxinais sem uso comum, também conhecidos como “mangueirões e poteiros”, quando a criação dos animais ocorre apenas de forma doméstica – está restrito dentro dos limites da propriedade privada.

Considerando sua pesquisa, destacamos a seguir os municípios paranaenses onde foram encontradas Comunidades Tradicionais de Faxinais no mapeamento situacional

realizado (admitindo os autores que não houve recursos para ampliar essa pesquisa a outros municípios).

Figura 01 – Municípios paranaenses com comunidades tradicionais de faxinais, segundo mapeamento social, 2009.



Fonte: Mapeamento Social dos Faxinais, Souza, 2009.

No estado do Paraná, sul do Brasil, podemos compreender que os faxinalenses constituem territorialidades específicas que resultam em seu território de vida e, no conflito com seus antagonistas, se somam às lutas pelos territórios e pela terra que marcam a questão agrária brasileira na atualidade. O reconhecimento de sua cultura e identidade pela sociedade de forma geral, de seus territórios e territorialidades frente ao Estado e as demandas por processos de elaboração e implementação de políticas públicas que atendam seus reais interesses, são pontos que aparecem permanentemente em suas pautas de reivindicação. É nesse contexto social que se inseriu nossa proposta de pesquisa junto à juventude faxinalense.

No contexto das comunidades faxinalenses pertencentes à APF, que consegue organizar apenas uma parte desse universo de faxinais mapeado, lideranças pintavam desde suas perspectivas – do mundo adulto –, a figura de jovens apáticos e pouco participativos, desinteressados pelas questões que atingem negativamente suas comunidades e que em sua maioria estão migrando. Na medida em que nos envolvemos e trabalhamos junto aos jovens, fomos percebendo que estes possuem seu próprio jeito de se apropriar e utilizar seu território de vida, que em certo sentido se difere das formas adultas.

Percebemos que os jovens definem o que lhes interessa e o que não lhes interessa no modo de vida dos faxinais. Na continuidade do texto, serão destacados alguns dos retratos de vida de jovens com quem trabalhamos.

Retratos do território de vida de jovens faxinalenses

Ao longo dos trabalhos de campo, da convivência e do diálogo com jovens, fomos evidenciando que se no passado o cavalo era um dos mais importantes meios de transporte e/ou utilizados para atividades de trabalho e lazer, hoje o cavalo coexiste com o trator e a moto. Se as rodas de chimarrão, os bailes realizados na comunidade – incluindo os festejos religiosos – satisfazem os mais antigos, para os jovens percebemos que os bailes e festas tradicionais coexistem com o que eles denominam de “baladas”. Ter a moto e/ou frequentar baladas podem ser compreendidos como formas de reivindicar juventude na atualidade.

O trabalho na lavoura, ou ainda, o tratamento dos animais, por exemplo, já não se configura como a mais importante ou única opção de trabalho e futuro para os jovens, o processo investigativo foi permitindo constatar que os jovens enxergam estas práticas como trabalho árduo, pouco rentável e desvalorizado perante outras profissões que podem exercer. Não por acaso, jovens acreditam que se investirem nos estudos podem conquistar um trabalho que consideram melhor. Essa postura muda o sentido de estudar, pois se no passado o trabalho na comunidade ocupava um lugar central, constatamos um deslocamento para a educação, que é vista pelos jovens como um caminho para se conquistar uma vida melhor.

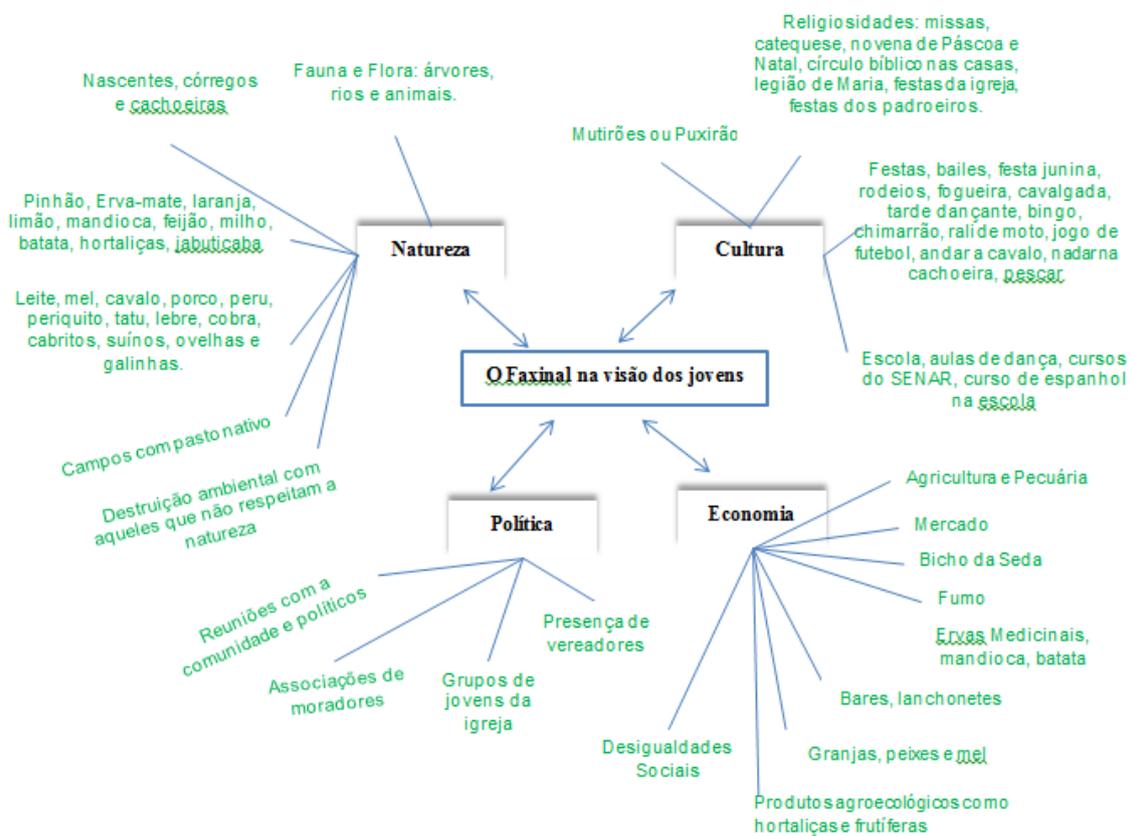
A escolarização, desta forma, foi aparecendo não só como encaminhamento das antigas gerações, que compreendem que as novas gerações terão um futuro melhor se tiverem uma boa formação escolar e, por isso, contribuem para manter os jovens (filhos) na escola. Mas dos próprios jovens que, ao compartilharem experiências, passam a acreditar que a escola se configura como caminho possível para a melhoria das condições de vida e, por isso, a maioria deles não se enxerga sem passar por ela, chegando a sonhar com uma vida universitária para o futuro.

As atividades desenvolvidas durante as oficinas pedagógicas mencionadas na introdução deste texto nos permitiram evidenciar como os jovens enxergam as comunidades faxinalenses em que vivem, assim como o que gostam e o que não gostam, o que consideram como vantagens e desvantagens de se viver em uma comunidade faxinalense desde o seu ponto de vista. As formulações desenvolvidas por eles nos conduzem às visões que possuem do território do qual fazem parte, expressando conhecimentos sobre o modo de vida.

Os jovens elencaram um conjunto de palavras que, para eles, ajudavam a

descrever elementos que fazem parte de suas cotidianidades. O resultado foi um conjunto de verbetes e expressões que nos ajuda a ter uma noção sobre a diversidade territorial dos faxinais (sua multiterritorialidade), assim como nos permite perceber que os jovens possuem um amplo conhecimento sobre as características de seu modo de vida. A partir do esquema a seguir (Esquema 01), podemos destacar que estes jovens convivem com territorialidades específicas dos territórios faxinalenses, que coexistem, sobretudo, no chamado criadouro comum ou coletivo, a exemplo da variedade de animais que no criadouro são encontrados à solta, a diversidade de fauna e flora, a vida em comunidade, reforçadas pela realização de festejos, as atividades de lazer, as práticas religiosas, os mutirões e/ou puxirões, a participação em grupos de jovens ligados a igrejas.

Esquema 01 – Verbetes elaborados pelos jovens para caracterizar as comunidades em que vivem



Fonte: Relatório de Campo (2011; 2012).

Outra questão que podemos destacar está em como elementos que aparecem relacionados à natureza também aparecem como economia quando os jovens tratam dos produtos agrícolas e da pecuária, ou ainda, como cultura. As hortaliças, por exemplo, são colocadas como natureza e economia, entendidas como elemento da produção agroecológica. O cavalo, os peixes e o rio, outro exemplo, são destacados pelos jovens como elementos naturais, por outro lado, também são elencados como cultura, uma vez que os jovens sinalizaram que entre as atividades de lazer estão nadar, pescar e andar a cavalo. O peixe, último exemplo, aparece como um elemento da natureza e, pescar, aparece como prática cultural e também econômica.

Nessa perspectiva, corroboramos com Saquet (2009, p. 81) que o “território significa apropriação social do ambiente, ambiente construído, com múltiplas variáveis e relações recíprocas”, ou seja, “que o homem age no espaço (natural e social) de seu habitar, produzir, viver, objetiva e subjetivamente” e que “o território é um espaço natural, social historicamente organizado e produzido”. Mas, cabe salientar que estamos tratando aqui, sobretudo da noção de território de vida de jovens faxinalenses, em que estão imbricadas, principalmente, as noções de territórios do cotidiano e de referência (SAQUET,

2009).

Formulações elaboradas pelos jovens em trabalhos em grupo ressaltaram mais o sentimento da vida em comunidade e o convívio com territorialidades específicas, a exemplo de jovens que afirmaram que o faxinal é um lugar de “tradição, costume, qualidade de vida, local onde moro, modo de vida”, ou ainda “um lugar livre para criação e para as pessoas”, onde há “respeito, contato com a terra e união” ou como sendo “o ambiente onde nós conseguimos interagir com a biodiversidade”. Já outras sínteses insinuaram a existência de preconceitos e a ausência de políticas públicas que atendam os interesses dos jovens, nestes casos os jovens retrataram as comunidades como sendo “lugar de difícil acesso, falta de lazer”, que “às vezes tem um pouco de conflito” que para muitos é “o lugar dos atrasados”.

Constatamos ao longo do percurso investigativo que quando os jovens expressam o que o Faxinal significa para eles, manifestam que este significado é construído a partir de suas relações com a natureza, com o modo de criação dos animais à solta, permeada por um conjunto de valores morais que tem sua centralidade na família, na religião e na vida comunitária. Mas, também, demonstram que se constrói nas relações com territorialidades distintas de seu modo de vida e em meio a conflitos dentro dos faxinais, em um conjunto de limites que dificultam a vida na comunidade, como o difícil acesso à cidade e ao conhecimento, a falta de oportunidades e as dificuldades de emprego (geração de renda), educação e atividades de lazer.

Ao desenvolver seu trabalho nas comunidades faxinalenses de Espigão das Antas, Meleiro e Pedra Preta, localizadas na Área Metropolitana Sul de Curitiba, Olesko (2013) traz elementos que destacam a coexistência de relações em que a juventude se faz presente:

[...] É o caso de carroças em conjunto com carros, de antenas parabólicas juntamente com latrinas, de música sertaneja caipira com música eletrônica dos mais jovens. A paisagem também conta, como já citado, com a abundância de mata nativa que é manejada tanto por sujeitos tipicamente camponeses como por jovens trajados com roupas largas e bonés, seguindo a moda da juventude brasileira. Isso tudo se faz presente num mesmo território, onde granjas de frangos criados confinados contrasta com galinhas caipiras e porcos criados soltos. Os tempos e espaços se sobrepõem, às vezes em conflito, às vezes de modo paralelo (OLESKO, 2013, p. 32).

Quando indagados sobre “permanecer ou sair dos Faxinais”, os jovens sujeitos desta pesquisa não só emitiram suas vontades para o presente ou para o futuro – um simples sim ou não –, mas também justificaram os fatores que influenciam seus posicionamentos frente à realidade em que estão inseridos. A maioria dos jovens afirmou que sua pretensão é permanecer na comunidade em que vive, mas nos debates evidenciamos que a permanência também se relaciona com mudanças necessárias nas

condições de vida no território. As justificativas de suas decisões variam entre sua participação nas demandas mais gerais do movimento faxinalense pelo reconhecimento de sua identidade e modo de vida, pela garantia de seus direitos, até seus sentimentos de pertença ao território, as relações familiares e comunitárias, ou ainda, as condições precárias no acesso às políticas públicas, em particular as políticas de emprego/geração de renda, educação, cultura e lazer, entre outros.

Argumentos utilizados por aqueles que pretendem permanecer revelam seus sentimentos de pertença às relações com o território de vida, como podemos observar a seguir:

- Eu pretendo continuar no faxinal, pois ali nasci e ali vou permanecer, trabalhando e estudando para ter uma vida digna. (o Jovem, Faxinal Meleiro, Município de Mandirituba-PR);
- Pretendo continuar, lá eu consigo ser eu mesmo, desenvolver sustentabilidade, ali é meu refúgio (o Jovem, Faxinal Marcondes, Município de Prudentópolis-PR);
- Eu pretendo continuar, ajudando a desenvolver as propriedades de forma coletiva, e eu estudo sem sair do faxinal (o Jovem, Faxinal dos Ribeiros, Município de Pinhão-PR);
- Quero continuar morando no faxinal, pela família e os benefícios da natureza. (o Jovem, Faxinal Saudade de Santa Anita, Município de Turvo-PR).

Já sobre sair, os jovens denunciam ausências, descasos, dificuldades enfrentadas no cotidiano, manifestam seus descontentamentos frente à realidade vivida, acreditam que podem construir uma vida melhor fora de suas comunidades. Entre os fatores de maior influência estão o difícil acesso a uma educação de qualidade e as condições de trabalho, como podemos evidenciar a seguir:

- Pretendo sair... até para completar meus estudos, na comunidade é muito difícil para estudar (a Jovem, Comunidade Bom Retiro, Município de Pinhão-PR);
- Sair, porque não há continuação dos estudos e por falta de oportunidades de renda (o Jovem, Faxinal Marcondes, Município de Prudentópolis-PR);
- Sair, pretendo estudar, arrumar um emprego fixo (o Jovem, Faxinal Barro Branco, Município de Rebouças-PR);
- No momento, eu pretendo sair, pois os recursos rurais estão sendo desvalorizados e pouco reconhecidos pelo Estado (o Jovem, Faxinal Bom Retiro, Município de Pinhão).

No convívio com os faxinalenses da APF é muito comum escutar das lideranças comunitárias que os “jovens estão indo embora”, não por acaso a temática de permanecer ou sair dos faxinais gerou polêmica entre eles, cujas discussões nos permitiram apreender um conjunto de argumentos que contribuem para entender os motivos que influenciam essa decisão. Evidenciamos nas formulações dos jovens, por exemplo, que a procura pela continuidade dos estudos e um bom emprego estão entre os principais motivos que têm contribuído para potencializar a sua saída.

Hauresko (2012) identificou que nos faxinais Anta Gorda e Taquari dos Ribeiros, localizadas respectivamente nos municípios de Prudentópolis e Rio Azul (Paraná), a migração de jovens para a cidade está atrelada, sobretudo, ao acesso à escola, entendida como caminho para uma melhoria das condições de vida e a busca de um trabalho que, pelos jovens, é compreendido como menos árduo – fatores que mencionamos anteriormente. A pesquisadora afirma que, nestas comunidades, as migrações mais definitivas não se justificam pelas mudanças técnico-mecânicas que foram ocorrendo ao longo dos últimos anos e que auxiliam o trabalho na lavoura, mas recai ainda assim sobre o trabalho agrícola que é, desde o ponto de vista dos jovens, muito cansativo e pouco rentável, assim como a falta de atividades de lazer (HAURESKO, 2012, p. 245).

Encontramos menções referentes às migrações de jovens faxinalenses, também em Grzebieluka (2010), Barbosa (2010) e Lima (2011). O trabalho de Grzebieluka (2010, p. 120), por exemplo, preocupado em analisar as transformações socioespaciais ocorridas nas comunidades rurais do município de Tibagi-PR, identificou nas comunidades faxinalenses dos Empoçados e dos Mendes que:

[...] o contato com elementos do mundo moderno faz com que o modo de viver tradicionalmente dos jovens do campo, incorpore muitas informações de um modo de viver que está em constante transformação. Neste contexto, muitos jovens residentes em comunidades rurais, abandonam as tradições do campo e seguem em busca de novas oportunidades nas áreas urbanas. Nas comunidades que fazem parte da presente pesquisa, constata-se que o número de jovens que se desloca para outras cidades em busca de estudo e emprego tem aumentado gradativamente nos últimos anos, sendo que muitos não retornam mais para o convívio na comunidade onde viveram boa parte de suas vidas.

Lima (2011), ao procurar entender as dinâmicas das territorialidades na comunidade Faxinal do Posto, localizada no município de Inácio Martins-PR, constatou que cerca de 50% dos jovens estavam saindo da comunidade em busca de emprego. O trabalho de Barbosa (2010, p. 62), ao analisar mudanças nas dinâmicas organizacionais das famílias faxinalenses na comunidade Taquari dos Ribeiros, já citada anteriormente, constatou que há uma tendência de “envelhecimento da comunidade”. Explica que “jovens comumente buscam alternativas mais atrativas do que se estabelecer nos moldes de vida faxinalense”. Por outro lado, o referido pesquisador entende que no caso da comunidade pesquisada “isso não reflete uma tendência à desestruturação da comunidade”, pois muito embora tenha uma parcela significativa de migração de jovens faxinalenses, “há uma parcela que cria identidade com o modelo de vida e continua a reproduzir o sistema ao qual está inserido”.

Para além das realidades faxinalenses aqui retratadas, o dilema de permanecer ou sair faz parte do contexto de vida de outros jovens do Brasil rural. O êxodo rural da juventude é uma temática de pesquisa no Brasil desde antes dos anos de 1980 (CASTRO,

2010; CASTRO, CORREA, MARTINS e FERREIRA, 2010). A pesquisa de Castro (2005) cujo foco se deu sobre a cotidianidade de jovens assentados da Reforma Agrária na Baixada Fluminense, por exemplo, nos mostra que marcam a dinâmica de ficar ou sair da comunidade, principalmente questões como os conflitos intergeracionais, a formação de novos núcleos familiares (o casamento), os estudos, a procura por trabalhos não vinculados à propriedade rural (trabalhos não agrícolas), etc.

A pesquisa de Stropasolas (2006, p. 17), realizada com jovens da agricultura familiar do “município de Ouro-SC, situado no Vale do Rio do Peixe, região Oeste de Santa Catarina (Microrregião de Joaçaba)”, nos permite compreender que permanecer ou sair neste contexto é um dilema perpassado pelas questões que envolvem, também, os padrões sucessórios da agricultura familiar. O pesquisador constata que transformações técnico-mecânicas, conjuntamente com a gradativa integração das famílias em sistemas mais complexos e dinâmicos provocados pela chegada das agroindústrias de aves e suínos, impulsionados pelo ritmo do mercado, provocaram mudanças substanciais na vida cotidiana dos trabalhadores. O trabalho mais alinhado às regras destas agroindústrias vai sendo considerado mais árduo pelos trabalhadores.

O trabalho de Stropasolas (2006) destaca aspectos que marcam a vida jovem no contexto da agricultura familiar e dos pequenos municípios, que vivenciam uma relação muito próxima entre as dinâmicas da vida no campo e na cidade, tais como: a invisibilidade dessa juventude em diferentes esferas da vida social; o significado do trabalho, da cultura e do lazer, da educação (como estratégia para mudar/melhorar de vida); os conflitos provocados por relações desiguais de gênero, em particular envolvendo o processo sucessório da propriedade agrícola.

O pesquisador ressalta que, na agricultura familiar, geralmente são os homens que herdaram a terra. Isso só não acontece, principalmente quando uma filha casada permanece ou retorna à propriedade para cuidar dos pais. Esse movimento, segundo Stropasolas (2006, p. 21-22) tem contribuído para uma masculinização do campo, uma vez que as moças saem para estudar ou trabalhar fora da comunidade e, ao saírem, dificilmente retornam para casar com os filhos de agricultores. A partir dos depoimentos dos jovens, o autor destaca que esse retorno e casamento com os filhos dos agricultores representam para as moças que saem “a continuidade da condição social da mulher na agricultura, condição vivida por suas mães, e que elas não pretendem reproduzir”.

Percebe-se, tanto entre os jovens faxinalenses quanto outros jovens que vivem no espaço rural, a exemplo dos jovens assentados pesquisados por Castro (2005) e da Agricultura Familiar pesquisados por Stropasolas (2006), que “forças econômicas, políticas e culturais” acabam por determinar o movimento que podemos denominar de des-reterritorialização (SAQUET, 2013).

Os jovens com quem trabalhamos retrataram as ausências de políticas públicas, manifestaram que muitas das dificuldades existentes dentro dos faxinais persistem porque os governos não os enxergam. Sobre este assunto, os jovens emitiram opiniões muito distintas, porém, entre as demandas que mais apareceram em suas considerações estavam a necessidade do desenvolvimento de ações voltadas à educação, à geração de emprego e renda, acesso à cultura e atividades de lazer. Apreendemos a ansiedade da juventude em permanecer no faxinal, porém, como contrapartida, são jovens que vislumbram um futuro melhor para a comunidade, que pressupõe, sobretudo, o atendimento a estas demandas por parte dos governos.

Em seu território de vida, pode-se dizer que os jovens compartilham experiências marcadas pela invisibilidade, ausências e marginalidades nas políticas públicas, que podem ser compreendidas como ameaças, forças que contribuem permanentemente à precarização da vida nos territórios faxinalenses. Os jovens, neste aspecto, não só compartilham e reforçam denúncias, que já estão na pauta da APF desde seu nascimento em 2005, como também trazem outras que são importantes para eles, como é o caso da educação, do incentivo à geração de renda desde seus interesses, a melhoria de infraestrutura que contribua para facilitar o contato com outras comunidades e com a cidade, assim como o fomento à cultura e atividades de lazer, fatores que aparecem como os que mais influenciam na migração.

Nesse sentido, corroboramos com Haesbaert (2006, p. 315), a partir de seus estudos e reflexões, ao considerar que a “exclusão social” também se configura em exclusão territorial, em “territorialização precária”. Essa perspectiva de “territorialização precária” é entendida pelo autor como sendo “exclusão, privação e/ou precarização do território enquanto ‘recurso’ ou ‘apropriação’ (material e simbólica) indispensável à nossa participação efetiva como membros de uma sociedade”.

Considerando este cenário, se compreendermos que as territorialidades também se constituem cotidianamente, que algumas territorialidades cristalizam-se e outras não entre as gerações, que forças econômicas, políticas, culturais e socioambientais acabam por interferir, podendo se constituir em um movimento de continuidade e descontinuidade destas territorialidades, podemos afirmar que há um movimento permanente de des-re-territorialização nos faxinais em que os jovens se fazem presentes. Desta forma, podemos conceber a juventude como sendo um sujeito estratégico para compreender as continuidades e descontinuidades do território faxinalense. Assim, analisar os condicionantes que interferem em suas territorialidades também pode contribuir na compreensão sobre as condições de negação, invisibilidade e subalternidade a que estão submetidos os faxinalenses de forma geral, sobretudo nas políticas públicas.

Na continuidade deste texto, a partir destes retratos oriundos do processo investigativo dialógico com a juventude faxinalense, faremos a defesa de que suas territorialidades se constituem a partir de seus territórios de vida – no compartilhamento de experiências, na apropriação e no conflito com territorialidades específicas etnicamente diferenciadas típicas do modo de vida faxinalense –, nas relações, na convivência com territorialidades distintas, em meio à produção de invisibilidade e processos de precarização de suas vidas no território. Por isso, nossa proposição será a de compreender que os jovens faxinalenses produzem suas territorialidades em situação de fronteira.

Jovens Faxinalenses: a produção das territorialidades em situação de fronteira

A pesquisa sobre juventude e juventude rural, muito embora tenha ganhado espaço nos últimos anos na agenda de estudos em diferentes campos do conhecimento – com destaque para Antropologia, Sociologia, Educação e Psicologia –, muito ainda se tem para revelar sobre a diversidade e as condições de vida dos jovens no Brasil (WEISHEIMER, 2005; CASTRO, 2009; CASSAB, 2011).

Na Geografia, segundo Barbosa (2013), a juventude não tem sido “um dos temas mais envolventes”, reforçando a importância dos geógrafos brasileiros colocarem em pauta questões sobre essa categoria. Ainda assim, encontramos estudos que, desde uma leitura espacial, têm se preocupado em debater a juventude enquanto sujeitos de pesquisa da/ciência geográfica, a exemplo de: Turra Neto (2012), que tem se dedicado ao debate sobre as redes de sociabilidade de jovens punks e pertencentes ao movimento hip-hop, articulando teoricamente as categorias juventude, cidade e território, tendo como horizonte poder contribuir com a construção de uma Geografia das Juventudes; Cassab (2011), que tem procurado problematizar questões sobre juventude urbana; Fernandes (2013), que vem refletindo sobre a relação entre juventude e religião desde uma perspectiva da Geografia da Religião; assim como sobre juventude rural, que está na agenda, por exemplo, de estudos de Silva e Mendonça (2010), que refletem sobre questões envolvendo juventude no campo, formação, qualificação e geração de renda a partir de uma perspectiva agroecológica, como resultado de um projeto de extensão que visa contribuir na qualificação profissional e na geração de renda para os jovens do campo; e em Silva e Moreira (2011), cujo trabalho procurou analisar as condições de vida da juventude rural em áreas de assentamento da reforma agrária.

Neste estudo, defendemos a compreensão de juventude enquanto categoria social. Nesta perspectiva, entendemos que a concepção de juventude varia nos tempos e espaços vividos pelos grupos humanos, assim como que a constituição de sua identidade é permeada por múltiplas dimensões – econômica, política, cultural, ambiental, étnica,

territorial, entre outras. É desde essa perspectiva que sugerimos compreender a realidade vivida pela juventude faxinalense. Assim, corroboramos com a noção de que a juventude é mais do que uma faixa etária, uma fase preparatória para a vida adulta e precisa ser compreendida desde a realidade em que está inserida (GROPPO, 2000; CASTRO, CORREA, MARTINS e FERREIRA, 2010; CASSAB, 2011).

Compreender a juventude faxinalense enquanto categoria social, desta forma, é considerar que o/a jovem tem sua geografia e história, constrói sua forma de produzir, interpretar e viver o mundo – se relaciona com gerações mais antigas, mas para além das formas idealizadas/forjadas pelos adultos ou mais velhos. Os jovens são sujeitos ativos e participam dos processos de des-re-territorialização de sua cultura e identidade – ou seja, constituem suas territorialidades em meio a aceitação ou negação, conflitualidade e renovação de aspectos que marcam e demarcam seus territórios – interferem diretamente no presente e para o futuro.

Nos diálogos com jovens faxinalenses, nos trabalhos de grupo realizados em oficinas já citadas, constatamos que viver a juventude em uma comunidade faxinalense “é poder ir na casa um do outro para se encontrar, jogar bola, ser família, ajudar os pais nos serviços, andar de cavalo, viver em comunidade”, para outros é também “andar de moto, comer comida saudável e sossego” assim como é “ser o futuro da comunidade”, conviver com a falta de “opção de lazer” e as desvantagens “no acesso à cidade e ao conhecimento”.

Podemos dizer que essas expressões, mas também de forma mais aprofundada os retratos da vida no território mencionados na seção anterior nos permitem observar que jovens faxinalenses produzem suas territorialidades considerando territorialidades específicas de seu território de vida. Neste caso, podemos inferir que a juventude com quem trabalhamos estabelece conexões (inter) geracionais, uma vez que destacam e comungam entre eles que determinadas territorialidades herdadas pelos mais antigos e que permanecem presentes nos discursos e nas práticas sociais de diferentes territórios faxinalenses na atualidade também são importantes na produção de suas territorialidades, a exemplo da proximidade com a família, da vida em comunidade (habitação e criação de animais à solta) de um contato mais intenso e diferenciado com a natureza, o trabalho com a lavoura e os animais, a convivência com as tradições religiosas, entre outros.

Ao mesmo tempo, constituem suas territorialidades na relação com o mundo, fazendo coexistir o “andar de moto” e o “andar a cavalo”, “os bailes na comunidade e as baladas na cidade”, a convivência com “a família” e os “amigos na escola, no trabalho e na cidade”, “com a vida em comunidade, no faxinal”, mas também com a vida “no entorno e na cidade”. Assim como com a permanente produção de invisibilidades, sejam elas produzidas pelo próprio modo de vida, quando os mais antigos julgam a juventude como sendo “apática”, “aqueles que não querem nada com nada”, que “não querem assumir

responsabilidades”, mas, sobretudo a invisibilidade produzida pelo Estado, que resulta em negação ou marginalização das territorialidades dessa juventude no acesso às políticas públicas de direito, o que vem contribuindo para a precarização de suas vidas no território. No caso das políticas públicas, o eixo educação, geração de renda, lazer e cultura foi destacado pelos jovens faxinalenses, interlocutores desta pesquisa, como sendo fundamental para a melhoria das condições de vida nos faxinais, o que contribuiria para tornar as comunidades faxinalenses espaços em que é possível reivindicar juventude.

A partir destas considerações iniciais, podemos compreender que a juventude faxinalense com quem trabalhamos produz suas territorialidades em uma situação de fronteira. Não se trata, aqui, de fronteira como limite, como sendo uma situação precisa, delimitada por uma linha rígida que separa dois mundos distintos. Hissa (2002, p. 36) ressalta em suas reflexões que:

Fronteiras e limites: o seu significado convencional, especialmente trabalhado pelo senso comum, é o de delimitação político-administrativa. Limitar é partilhar para governar. Limites e fronteiras são manifestações de exercícios de poder. Limitar é dividir. E, seguramente, o ato de dividir está associado à intensão de controlar. Outros significados estão associados à ideia, decorrendo do conceito básico: extremo, fim, contorno, separação.

Contrariando essa compreensão, entendemos fronteira enquanto “demarcação imprecisa”, ou ainda, “lugar de interpenetrações, campo aberto de interseções”, “de interface e ao mesmo tempo de transição” (HISSA, 2002), de colaboração, coetaneidade, negociação e de contestação ao mesmo tempo (BHABHA, 1998). O trabalho de Ferrari (2014), a partir de um estado da arte que procurou mapear compreensões a respeito das noções de fronteira na Geografia, nos permite constatar que limites e fronteiras são conceitos distintos. A autora sintetiza que se entendido como limite pode ser considerado um fator de separação, a fronteira aparece como sendo um fator de integração.

Recorremos, também, à noção de fronteira trabalhada por Bhabha (1998), que em suas palavras nos chega como aqueles que vivem “entre lugares”. Entender a juventude nesta perspectiva, não é compreendê-los como agentes viventes, produtores e transformadores do espaço no futuro, mas alguém que intervém no aqui e no agora. A partir desta compreensão, nos interessa agregar a noção da constituição das territorialidades da juventude faxinalense com quem trabalhamos, mas também da própria constituição de ser jovem em território faxinalense de modo geral, resultado de estar entre negociações e conflitualidades – daí a compreensão de que a juventude se torna um sujeito estratégico de intervenção no território, das mudanças que vão ocorrendo no conjunto das territorialidades específicas do território faxinalense de modo geral.

A negociação é compreendida aqui como “articulação de elementos antagônicos ou contraditórios” (BHABHA, 1998, p. 51). Nessa perspectiva, a constituição das

territorialidades em situação de fronteira, como processo, vai resultando de negociações e conflitualidades com territorialidades específicas, típicas do seu modo de vida, mas também vai incluindo os anseios dos jovens, suas angústias e seus interesses a partir de um histórico de precarização de suas vidas no território. Bhabha (1998, p. 27) ainda ressalta a necessidade de uma ruptura com o que irá denominar de “barreira do tempo de um presente culturalmente concluído” e nessa perspectiva destaca a importância de se tomar o passado-presente “como grande parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver”. O passado, desta forma, interfere na atuação do presente. Assim, podemos compreender que a juventude faxinalense, ao constituir suas territorialidades na relação com especificidades de seu modo de vida, conflitua e/ou reforça a re-existência de territorialidades que atravessam gerações e se projetam no presente.

A partir do que delineamos até aqui, podemos afirmar que na pesquisa promovida com jovens rurais por Wanderley (2007) encontramos características do que podemos ler como situação de fronteira. Seu trabalho de investigação contou com a participação de 615 jovens de 15 a 24 anos, que vivem nas zonas rurais dos municípios de Glória do Goita (Zona da Mata Norte-PE), Orobó (Agreste Setentrional-PE) e Ibimirim (Sertão do Moxotó-PE). Destaca a autora que os jovens pesquisados pertencem em sua maioria à realidade vivida por famílias de pequenos agricultores, com determinadas características, tais como: pequenas propriedades, com produção diversificada para autossustento da família e para comercialização local, resultado do trabalho familiar. Neste cenário, Wanderley (2007, p. 23) defende a noção de que “o estudo da juventude rural supõe a compreensão de uma dupla dinâmica social: uma dinâmica espacial e outra temporal”:

[...] Por um lado, uma dinâmica espacial que relaciona a casa (a família), a vizinhança (a comunidade local) e a cidade (o mundo urbano-industrial). Mais do que espaços distintos e superpostos, trata-se essencialmente dos espaços de vida que se entrelaçam e que dão conteúdo à experiência dos jovens rurais e à sua inserção na sociedade. Por outro lado, nestes espaços, a vida cotidiana e as perspectivas para o futuro são imbuídas de uma dinâmica temporal: o passado das tradições familiares – que inspira as práticas e as estratégias do presente e do encaminhamento do futuro; o presente da vida cotidiana – centrado na educação, no trabalho e na sociabilidade local e o futuro, que se expressa, especialmente, através das escolhas profissionais, das estratégias matrimoniais e de constituição patrimonial, das práticas de herança e sucessão e das estratégias de migração temporária ou definitiva (WANDERLEY, 2007, p. 23).

Na concepção de situação de fronteira que estamos delineando, espaço e tempo são categorias que caminham juntas, assim, a superposição de espaços destacada pela autora, para nós também é uma superposição de tempos. Isso porque compreendemos que no território podem coexistir múltiplas histórias e trajetórias, costumes e tradições, identidades étnico-raciais, de gêneros, gerações, entre outras (HAESBAERT, 2006; SAQUET, 2009; 2011; 2013).

Desta forma, considerando nossa compreensão de situação de fronteira, os jovens do processo investigativo de Wanderley (2007) constituem suas territorialidades levando em consideração ao mesmo tempo as territorialidades específicas de suas comunidades – a convivência familiar e comunitária, o trabalho familiar, entre outros – mas também suas relações existentes com a escola, com a lógica urbano-industrial fora de sua realidade comunitária, que também imprimem suas ações e contradições, seus desejos para o presente e para o futuro – a inter-relação passado-presente-futuro no aqui e no agora. Por isso, interferem diretamente nos modos de vida da agricultura familiar, por exemplo, e colocam na pauta de suas organizações coletivas o debate acerca da sucessão familiar, as continuidades-descontinuidades das práticas sociais típicas desta espacialidade.

Menciona Bhabha (1998, p. 27) que o “intercâmbio de valores, significados e prioridades pode nem sempre ser colaborativo e dialógico”, marcado por conflitos. O conflito entre jovens faxinalenses e territorialidades específicas aparece mais abertamente na Cartografia Social dos/das Aprendiz(es) da Sabedoria no Paraná (que reúne aqueles/as que desenvolvem práticas tradicionais de cura). Os jovens aparecem na projeção cartográfica elaborada pelos participantes das oficinas de cartografia social, deitados à sombra de uma árvore. Segundo os relatos dispostos na cartilha, os jovens não querem aprender os ofícios tradicionais, o trabalho com as ervas medicinais, as rezas e as práticas de benzimento. Um exemplo pode ser evidenciado no comentário a seguir de uma faxinalense da comunidade Marmeleiro de Cima, localizado no município de Rebouças-PR:

[...] A recriminação das igrejas, dos médicos, o esquecimento, a falta de interesse pelos jovens, pois acham que é uma coisa de antigamente, **o jovem quer só o que é moda, que passa na TV**. Como tá acham que é difícil de ir atrás desses conhecimentos, dessas ervas (PNCS, 2007b, p. 04, grifos nossos).

O desinteresse dos jovens faxinalenses pelos saberes tradicionais também aparece no comentário de outra faxinalense, agora do Faxinal do Rio do Couro, localizado no município de Irati-PR:

[...] Se terminar tudo, os curadores, benzedoras, as costureiras, daí não vai ter, pois se os mais novos não aprenderem, esses morrem, daí fica sem... **os jovens não querem aprender, não dão valor para essas coisas, porque quando está com uma dor forte aí se lembra do curador do benzedor, vão lá no curador... no benzedor** (PNCS, 2007b, p. 04, grifos nossos).

A partir deste segundo comentário é possível fortalecermos a compreensão de situação de fronteira que aqui estamos delineando, como situação em que coexistem intercâmbio e conflitualidade, de estar em um espaço-tempo de negociações, continuidades-descontinuidades. Neste caso, os jovens aparecem como aqueles que não querem aprender os ofícios tradicionais, porém, quando precisam destas práticas, ainda visitam os/as

benzedores/as. Assim, muito embora não queiram se envolver com estes conhecimentos e práticas tradicionais, há jovens que ainda constituem suas territorialidades levando em consideração a existência destas mesmas práticas.

Nessa perspectiva, compreender que a juventude faxinalense produz suas territorialidades em situação de fronteira contribui para reforçar duas questões que consideramos importantes: 1) que entender a juventude enquanto categoria social, também nos permite enxergá-los como sujeitos que intervêm nos processos de produção e de transformação do território de vida; 2) no caso da juventude dos povos e comunidades tradicionais, reforça-se a compreensão de tradição como algo do presente, vivo e em permanente mudança.

A primeira questão vai ao encontro com nossa proposição de enxergar a juventude faxinalense, assim como as juventudes rurais e urbanas, como categoria social, conforme já destacamos anteriormente. Enquanto categoria social, queremos reafirmar a necessidade de que para compreender a juventude faxinalense, como constituem suas territorialidades, como agentes produtores e transformadores do seu território de vida, é preciso superar as adjetivações negativas e que contribuem para subalternizá-los e/ou invisibilizá-los. Nosso estudo tem nos permitido evidenciar um conjunto de vozes (ou gritos) de jovens faxinalenses que reafirmam constituir suas territorialidades também em conexão com territorialidades específicas do território faxinalense, se apropriando, ocupando, usando e transformando o território a partir de seus interesses.

Tal fato nos faz vivenciar um reforço da noção de tradição como presente, nossa segunda questão, ou seja, a tradição como processo de continuidades-descontinuidades das territorialidades específicas etnicamente diferenciadas no aqui e no agora em que os jovens são atuantes.

Essa perspectiva de compreensão se inspira nas reflexões de Thompson (1998) a respeito de como os costumes se manifestavam na cultura dos trabalhadores ingleses em cenários do século XVIII e XIX e na nossa própria noção de condição de fronteira que vem sendo delineada. Em Thompson (1998) encontramos a menção de que, para os historiadores que se ocuparam em estudar cenários da Europa Ocidental dos séculos XVI e XVII, a hipótese hegemônica era de que haveria mudanças radicais no modo de vida, sobretudo induzidos pela emergência e propagação da atividade industrial. Mas, o próprio trabalho do autor nos permitirá constatar que neste contexto coexistiam no cotidiano das comunidades, as forças que suscitavam mudanças nos modos de vida, contestavam práticas tradicionais, territorialidades específicas das comunidades, mas também um conjunto de resistências cotidianas que eram entendidas como fundamentais na constituição das territorialidades. Afirma o autor:

[...] Na sociedade rural, mas também nas áreas manufatureiras e mineiras densamente povoadas (as regiões produtoras de tecido do Oeste da Inglaterra, o território dos mineradores de estanho da Cornualha, o black Country), encontramos uma herança importante de definições e expectativas marcadas pelo costume. O aprendizado, como iniciação em habilitações dos adultos, não se restringe à sua expressão formal na manufatura, mas também serve como mecanismo de transmissão entre gerações. A criança faz seu aprendizado das tarefas caseiras, primeiro junto à mãe ou avó, mais tarde (frequentemente) na condição de empregado doméstico ou agrícola. No que diz respeito aos mistérios da criação dos filhos, a jovem mãe cumpre seu aprendizado junto às matronas da comunidade. O mesmo acontece com os ofícios que não têm um aprendizado formal. Com a transmissão dessas técnicas particulares, dá-se igualmente a transmissão de experiências sociais ou da sabedoria comum da coletividade. Embora a vida social esteja em permanente mudança e a mobilidade seja considerável, essas mudanças ainda não atingiram o ponto em que se admite que cada geração sucessiva terá um horizonte diferente (THOMPSON, 1998, p. 18).

Nessa perspectiva, Thompson (1998, p. 15-17) alerta a respeito da compreensão do conceito de costume, ou ainda, de cultura, como “inflexão antropológica”, uma noção encerrada, ao se referir a generalizações a exemplo de “cultura popular”. O autor sugere uma compreensão aberta, a cultura também como “um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca”. Por isso, a sugestão do autor é a de compreender “costume como contexto e *mentalité*”, “o costume não como posterior a algo, mas como *sui generis*: ambiência, *mentalité*, um vocabulário completo de discurso, de legitimação e de expectativa”, ou seja, como práxis viva no aqui e no agora.

A partir deste olhar podemos compreender que a juventude faxinalense é um sujeito estratégico que, ao constituir suas territorialidades junto ao território de vida faxinalense, também contribui para reafirmar a re-existência dos faxinalenses como povos e comunidades tradicionais no aqui e no agora. Desta forma, corroboramos com a compreensão de que:

[...] a vida não é um movimento desterritorializado. Entendido como espaço produzido pela sociedade, o território é obra coletiva e, em si mesmo, manifestação de poderes. A construção do território, através das relações sociais, por si só, passa a significar o estabelecimento de fronteiras de natureza variada – entre pessoas e coisas (HISSA, 2002, p. 40).

Assim, reafirmamos que apreendemos verbetes e expressões elaboradas pelos jovens que falam da vida em comunidade, da presença e do convívio com a natureza, da vida saudável (comer comida sem veneno), do trabalho coletivo, entre outros. Como vemos reafirmando ao longo deste texto, são elementos que coexistem com um conjunto de contradições, com a existência de preconceitos, com a produção de invisibilidade e/ou marginalidade de suas territorialidades na gestão de políticas públicas, com a convivência em cenários marcados por conflitos internos e com diferentes antagonistas externos e com a

permanente precarização do território de vida. É nesse contexto que compreendemos que a juventude faxinalense vem produzindo suas territorialidades em situação de fronteira.

Considerações finais

O presente texto procurou refletir, sobretudo, a respeito da relação juventude e território. Tomamos como referência jovens faxinalenses cujos territórios de vida são permeados por territorialidades específicas etnicamente diferenciadas, por relações e pela convivência com territorialidades distintas, por tensões internas, conflitos territoriais com diferentes antagonistas, produção de invisibilidade e o permanente processo de precarização da vida nos territórios. Objetivamos exercitar no sentido de contribuir no processo de elaboração de um aporte teórico-conceitual que trouxesse a juventude para o centro das reflexões, que venha a contribuir com outras/novas leituras espaciais a respeito de como vivem os jovens nos faxinais, como constituem suas territorialidades em um contexto complexo e contraditório em que comunidades disputam visibilidade e se encontram marcadas por situações de conflitos por território e terra, mas sobretudo pela vontade de viver.

Sugerimos compreender a juventude faxinalense como categoria social, que produz suas territorialidades em situação de fronteira. Enquanto categoria social, procuramos reforçar a necessidade de superarmos compreensões que reduzem a noção de juventude como uma faixa etária ou como fase de transição para a vida adulta. Visões estas que reforçam a compreensão de juventude como sujeitos que não possuem capacidade de assumir compromissos, responsabilidades, demandar direitos, que não são agentes de produção e de transformação espacial. Corroboramos com a compreensão de que é preciso criar condições para superar conhecimentos e práticas que colocam os jovens em posições de submissão, que reforçam uma condição social subalterna (CASTRO, CORREA, MARTINS e FERREIRA, 2010).

Observamos que jovens faxinalenses constituem suas territorialidades, considerando, também, territorialidades específicas dos faxinalenses. Comungam entre eles que determinadas territorialidades herdadas pelos mais antigos e que permanecem presentes também são importantes na constituição de suas territorialidades, tais como: a centralidade na família, da vida em comunidade, o contato mais intenso e diferenciado com a natureza, o trabalho com a lavoura e os cuidados com os animais criados à solta, o convívio com tradições religiosas, entre outros.

Por outro lado, nossa trajetória de pesquisa tem nos permitido cada vez mais, evidenciar que eles convivem não só com o intercâmbio geracional, mas também na relação com territorialidades distintas, com conflitualidades. São jovens que constroem relações em

meio à produção de sua invisibilidade, falam de jovens que não conhecem a cultura faxinalense, de pessoas que os consideram atrasados, do poder público que não os enxergam, de escolas que não consideram elementos de sua cultura e identidade e, ao mesmo tempo, denunciam a precarização de seus territórios de vida, o difícil acesso à cidade e à escola, as ausências de alternativas de geração de renda, a falta de espaços de lazer e de acesso à cultura proporcionada pelo Estado, entre outros. Entendemos que os jovens clamam por um território de vida que lhes permita ser jovem.

A juventude convive com a dúvida entre permanecer ou sair dos faxinais. Seus sentimentos de pertença conflituam, principalmente, com as condições precarizadas de vida no território. Os jovens, impulsionados pela necessidade de continuar os estudos, pela busca de trabalho alternativo (considerado por eles como sendo menos árduo e mais rentável), acesso às atividades culturais e de lazer, assim como acesso a meios de comunicação como a internet, se des-re-territorializam de modo temporário e permanente. Assim, podemos compreender que a juventude faxinalense constitui suas territorialidades na inter-relação campo-cidade, família-comunidade-mundo.

Quando o assunto é políticas públicas, os jovens se sentem invisíveis diante do poder público. Retratam que muitas das dificuldades enfrentadas dentro dos faxinais, como estradas precárias, difícil acesso a escolas e postos de saúde, falta de alternativas para geração de renda que respeitem a dinâmica da vida nos faxinais, espaços de cultura e lazer, entre outros, persistem porque os governos não consideram suas territorialidades específicas nos processos de elaboração e implementação das políticas e dos programas governamentais.

Os jovens expressaram, por exemplo, que parte de suas atividades culturais e de lazer são criadas por eles mesmos, a partir das territorialidades específicas dos faxinalenses, como: nadar, pescar, jogar futebol, se reunir com os amigos, realizar festejos, cavalgadas, bailes, entre outros. Mas, compreendem como fundamental, na atualidade, o acesso às tecnologias de comunicação – com destaque para o acesso à internet –, expressam a vontade de frequentar cinemas ou teatros. Neste caso, a juventude constitui suas territorialidades permeada pela produção de invisibilidade no campo político das políticas públicas, em particular as Políticas Públicas de Juventude e a precarização de seus territórios de vida.

É a partir deste cenário que sugerimos a compreensão de que a juventude faxinalense com quem dialogamos produz suas territorialidades em situação de fronteira, de estar entre as territorialidades específicas típicas do território faxinalense, a produção de invisibilidade e a precarização dos territórios de vida, constituindo suas territorialidades na inter-relação campo-cidade, família-comunidade-mundo, educação-trabalho, sociedade-natureza, entre a dúvida de permanecer ou migrar de suas comunidades, entre outros.

Referencias

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Agroestratégias e des-re-territorialização: direitos territoriais e étnicos na mira dos estrategistas dos agronegócios. *In*: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (Org.). **Capitalismo globalizado e recursos territoriais**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terras de Quilombos, Terras Indígenas, Babaçuais Livres, Castanhais do Povo, Faxinais e Fundos de Pasto**: Terras Tradicionalmente Ocupadas. Projeto: Nova Cartografia Social da Amazônia, v. 2. PPGSCA, UFAM, Fundação Ford, Manaus, 2006. Coleção Tradição e Ordenamento Jurídico.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; SOUZA, Roberto Martins de (Org.). **Terras de Faxinais**. Manaus: Edições da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2009.

BARBOSA, Jorge. Palestra do Prof. Dr. Jorge Barbosa. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, v. 1, 2013. Edição especial. Disponível em: <www.ufjf.br/revistageografia>.

BARBOSA, Tiago Augusto. **Estrutura familiar e capital social em faxinais**: o caso de Taquari dos Ribeiros – Rio Azul/PR. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2010.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRASIL. Decreto 6.040/2007, de 07 de Fevereiro de 2007. **Presidência da República**. Casa Civil, subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, 2007.

CARVALHO, Horácio Martins de. **Da aventura à esperança**: a experiência auto-gestionária no uso comum da terra. Curitiba, 1984. (mimeo)

CARVALHO, Natália Dayrell de; SOUZA, Murilo, M. O. de. A pesquisa participante no contexto da Geografia Agrária: pressupostos teóricos e possibilidades práticas. *In*: RAMIRES, Júlio Cesar de Lima; PESSOA, Vera Lúcia Salazar (Org.). **Geografia e pesquisa qualitativa**: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009.

CASSAB, Clarice. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. **Locus**: revista de história, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p.145-159, 2011.

CASTRO, Elisa Guaraná de *et al.* A categoria juventude rural no Brasil: o processo de construção de um ator político. Contribuições para um estado da arte. *In*: ALVARADO, Sara Victoria; VOMMARO, Pablo A. **Jóvenes, cultura y política en América Latina**: algunos trayectos de sus relaciones, experiencias y lecturas (1960-2000). Rosário: Homo Sapiens Ediciones, 2010.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Entre ficar e sair**: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ, 2005.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latino Americana de Ciências Sociais**, p. 179-208, 2009. Disponível em: <www.umanizales.edu.co/revistacinde/index.html>.

CHANG, M. Y. **Sistema Faxinal**: uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1985.

CRUZ, Valter do Carmo. Das lutas por redistribuição de terra às lutas por reconhecimento de territórios: uma nova gramática das lutas sociais? In: ACSELRAD, Henri (org.) **Cartografia social, terra e território**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 2013, p. 119-176.

CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves; SAHR, Cícilian Luiza Lowen. O significado social e ecológico dos Faxinais: reflexões acerca de uma política agrária sustentável para a região da mata com araucária no Paraná. **Revista Emancipação**, Ponta Grossa, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Departamento de Serviço Social, Editora UEPG, v. 1 n. 1, 2005.

FABRINI, João Edmilson. Território, classe e movimentos sociais no campo. **Revista Anpege**, v. 7, n. 7, p. 97-112, jan/jul. 2011.

FALS BORDA, Orlando; MORA-OSEJO, Luis E. A superação do eurocentrismo. Enriquecimento do saber sistêmico e endógeno sobre o nosso contexto tropical. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Conhecimento Prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as ciências “revisitado”. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FAXINAIS. **Relatório final do 1º Encontro dos Povos dos Faxinais**. Irati, ago. 2005.

FERNANDES, Dalvani. Juventudes, geografia e religião: reflexões a partir das noções de forma simbólica e habitus. **RA'EGA**. O espaço geográfico em análise, n. 27, Curitiba, Departamento de Geografia da UFPR, p. 67-93, 2013.

FERRARI, Maristela. As noções de fronteira em Geografia. **Revista Perspectiva Geográfica**, v. 9, n. 10, 2014.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16. n. 47, maio-ago. 2011.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude**: ensaios sobre Sociologia e História das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GRZEBIELUKA, Douglas. **Comunidade de Faxinal e suas dinâmicas sócio-espaciais**: da formação à desagregação de uma tradição no município de Tibagi (PR). Dissertação (Mestrado em Gestão do Território). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2010.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HAURESKO, Cecília. **Lugares e tradições**: as comunidades faxinalenses de Anta Gorda e Taquari dos Ribeiros. Guarapuava: Unicentro, 2012.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

LIMA, Lucélia Santos de. **A dinâmica das territorialidades na comunidade faxinal do posto Inácio Martins-PR**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Unicentro. Guarapuava, 2011.

LÖWEN-SAHR, Cicilian L.; SAHR, Wolf-Dietrich. Territórios – faxinais – espaços. A problemática “espaço/território” na formação social brasileira. *In*. SAQUET, Marcos A.; SPÓSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOREIRA, Roberto José. **Terra, poder e território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

NERONE, Maria Magdalena. **Terras de plantar, terras de criar**: Sistema Faxinal, Rebouças (1950-1997). Assis: Unesp, 2000.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis**: territórios e rede de sociabilidades. São Paulo: Paco Editorial, 2012.

OLESKO, Gustavo F. **Terra, território e autonomia nas comunidades faxinalenses do Espigão das Antas, Meleiro e Pedra Preta (Mandirituba-PR)**: conflitos e resistências na luta pela vida. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

PNCS. Articulação Puxirão dos Povos de Faxinais. **Nova Cartografia Social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil**. Fascículo 1. Paraná, 2007.

PNCS. **Faxinalenses do núcleo metropolitano Sul de Curitiba**. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, UEA Edições, 2011.

PNCS. **Faxinalenses no Setor Sul – Paraná**. Fascículo 3. Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil. Rebouças, 2008.

PNCS. **Faxinalenses: fé, conhecimentos tradicionais e prática de cura**. Paraná: Associação Aprendizizes da sabedora de Medicinais e Agroecologia – ASA, 2007b.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. **Geo-grafias**: movimientos sociales, nuevas territorialidades y sustentabilidade. México: Siglo XXI, 2001.

SAQUET, Marcos A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

SAQUET, Marcos A. Contribuições teórico-metodológicas para uma abordagem territorial multidimensional em Geografia Agrária. *In*: SAQUET, Marcos A.; SUZUKI, Júlio C.;

MARAFON, Glaucio J. (Org.). **Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas**. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

SAQUET, Marcos A. Por uma abordagem territorial. *In*: SAQUET, Marcos A.; SPOSITO, Eliseu S. (Org.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Refundación del Estado en América Latina: perspectivas desde una epistemología del Sur*. Lima: Programa Democracia y Transformación Global, 2010.

SAUER, Sérgio. Mercado de terras: estrangeirização, disputas territoriais e ações governamentais no Brasil. *In*: SAQUET, Marcos A.; SUZUKI, Júlio C.; MARAFON, Gláucio José (Org.). **Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas**. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

SILVA, Anderson José da; MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. Juventude no campo: formação, qualificação e geração de renda a partir da agroecologia. **Espaço em Revista**, v. 12, n. 1, jan/jun. 2010.

SILVA, Elton O.; MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes. Os que vão e os que ficam: mobilidade dos jovens em áreas de assentamento no estado da Paraíba. **Revista Percursos-Nemo**, Maringá, v. 3, n. 1, p. 15-38, 2011.

SILVA, Marina O. Saindo da invisibilidade – a política nacional dos povos e comunidades tradicionais. **Inclusão Social**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 7-9, abr/set. 2007.

SIMÕES, Willian. **Comunidades Tradicionais de Faxinais e Gestão de Políticas Públicas Educacionais no Estado do Paraná**: compreendendo territórios e territorialidades. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território). Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2009.

SOUZA, Roberto Martins de. Mapeamento Social dos Faxinais no Paraná. *In*: ALMEIDA Alfredo Wagner B. de; SOUZA, Roberto Martins de. (Org.) **Terras de Faxinais**. Manaus: Edições da Universidade do Estado do Amazonas, 2009.

SOUZA, Roberto Martins de. **Na luta pela terra, nascemos faxinalenses**: uma reinterpretação do campo intelectual de debates sobre os faxinais. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

STROPASOLAS, Valmir L. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: UFSC, 2006.

TAVARES, Luis Almeida. **Campesinato e os faxinais do Paraná**: as terras de uso comum. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

THOMAZ JÚNIOR, Antônio. Trabalho de Campo: o laboratório por excelência do Geógrafo. **Geografia passo-a-passo**. Presidente Prudente: Centelha, 2005.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WANDERLEY, Maria de Nazareth B. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. *In*: CASTRO, Elisa Guaraná de; CARNEIRO, Maria José (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais**: mapa de estudos recentes. Brasília: MDA/NEAD, 2005.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aporte teórico-metodológico e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

ZIBECHI, Raúl. Os movimentos sociais latino-americanos: tendências e desafios. *In*: LEHER, Roberto; SETÚBAL, Mariana (orgs.). **Pensamento crítico e movimentos sociais: diálogo para uma nova práxis**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 198-207.

Recebido para publicação em 09 de outubro de 2015.

Devolvido para a revisão em 13 de setembro de 2016.

Aceito para a publicação em 19 de outubro de 2016.